

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha.
Annuncios permanentes 5
Folha avulsa..... 40 rs.

A viagem

O rei chegou.

Os empregados das secretarias tiveram folga official: as tropas da guarnição de Lisboa prepararam-se com os fardamentos mais vistosos para prestarem homenagens fervorosas: as musicas correram a animar o espectáculo, soprando constantemente o esfaçado hymno: nas cathedraes entoaram-se solemnes *Te-Deus*: e o povo apressou-se a ir ao local annuciado para ver o effeito que tudo aquillo produzia.

Talvez fosse imponente aquella recepção; talvez o rei commovido, choroso, lançasse os olhos por sobre toda aquella massa enorme, mirabolante, que, pasmada, boquiaberta o esperava ansiosamente; talvez pensasse quão bom era ser *rei de tal gente* onde as instituições, que lhe asseguravam o bem estar e tranquillidade na velhice, eram solidas; talvez!... E contudo se olhasse mais fundo havia de ver que alli só predominava de curiosidade do povo, a obrigação e obediencia dos empregados e officiaes que se queriam tornar agradaveis aos seus superiores. Se o governo não tivesse decretado dia feriado para as repartições, e não tivesse feito o programma pomposo mandando marchar as tropas para o ponto do desembarque, a recepção teria passado desapercibida; nenhum povo teria corrido a ella.

Mas assim, com todo esse apparato, parecia que o rei vinha de combater nobremente, exercendo ao reino temeroso, um exercito aguerrido, salvo de batalhas arriscadas, dinheiro para solver compromissos tomados, ou ao menos louros viridentes para co-

roar as estatuas d'esses nobres conquistadores e navegantes d'outra ora que trouxeram ao reino *christianissimo* náus carregadas d'ouro para os reis devorarem insaciavelmente. Os louros que coroam essas cabeças altivas, nobremente arrogantes, estão hoje resequidos, murchos por uma administração de desperdícios, por guerras fratricidas onde dous irmãos disputaram a punhal um throno, por tratados vergonhosos onde a nossa reputação ficou esfarrapada e nos foi arrancada a herança que nos legaram esses antepassados, heroes de rija tempera.

Mas nada d'isso era. O rei vinha de fazer uma viagem, de dar um passeio em navios equipados á custa do estado. Em vez de batalhas terríveis, tivera jantares opulentos; em vez de estudos serios a fazer tivera caçadas, theatros e passeios.

O snr. D. Luiz viajou como rei, mas somente para lhe serem prestadas as homenagens como tal. Não fez tratados, nem os devia fazer, porque as circunstancias do reino não os permitiam, nem era o rei o competente por si só para os elaborar.

Nada d'util nos poderia resultar, pois, da sabida do monarcha em semelhantes condições, quando a Europa receia uma conflagração geral, quando as potencias celebram entre si tratados mais ou menos violaveis, mais ou menos firmes.

Vivendo da amizade de todos, devemos conservarmo-nos dentro da nossa esphera sem loucas pretensões que comprometteriam o nosso futuro, perturbando a paz de que ha tantos annos estamos gosando.

Portanto, para que essas festas simplesmente burocratas, essas felicitações ridiculas, esses *Te-Deus* sem significação?

Da viagem, feita em boas condições, em navios fortes d'uma

solidez a toda a prova, com marinheiros experimentados e em portos muito conhecidos, nada havia a temer; o rei sahio para se divertir somente; que razão pois de nos alegrarmos por elle ter chegado são e salvo ao paiz onde tem passado bem e explorado durante os largos annos de seu reinado, e onde tem vivido folgadamente, sem nada ter feito d'aproveitavel?

Nenhum dos nossos reis tem gosado como o snr. D. Luiz d'uma paz tão duradoura.

Nenhum negocio intrucado e de compromisso serio tem apparecido que não seja posto de lado, ou se passe por sobre elle a correr, muito embora fique a honra e dignidade nacional esfarrapada. Assim succedeu com a concordata com a santa Sé só agora fechada depois de tantos annos, e ainda ha pouco com o assumpto colonial na conferencia de Berlim, onde além de sermos roubados infamemente, fomos despresados sem que o nosso governo levantasse um protesto energico.

Serventuarios da Inglaterra até hoje, vimos em quão pouca conta ella nos tinha e porquanto nos vendeu ahi.

E no entanto o snr. D. Luiz abraça, n'um neto da rainha Victoria a sua futura filha. E ao chegar ao reino recebe as felicitações do povo que movido de curiosidade dá ao monarcha a prova cabal da sua *estima*, assegurando-lhe em vivas prolongados a estabilidade das velhas instituições viciadas.

A Hespanha tambem ha dous dias victoriava D. Affonso, e todo o povo accorreu aos funeraes, parecendo que havia lagrimas em todos, mas mezes depois esse mesmo povo lançava-se em revolta pedindo a republica.

E' que a imponencia de espectáculo attrahe sempre muitos curiosos e é preciso ver nas manifestações assim organisadas pom-

posamente o que ha de illusorio em tudo aquillo.

Por isso o snr. D. Luiz talvez se illudisse quando pensava quão bom era ser *rei de tal gente*....

O imposto do pescado

Quando em tempo se olhava mais de perto para as industrias nacionaes, e o especular com o dinheiro do povo não era o unico alvo a que os governantes miravam, a classe piscatoria encontrava sufficientes garantias para o seu desenvolvimento, podia viver mais á larga,

A industria da pesca fôra tributada, e nem nós o contestamos, mas esse tributo encontrava um equivalente, salvava a d'outro ainda peor. O pescador pelo facto de pagar em tributo, menor do que o agora existente, deixava de pagar o tributo de sangue. Todos os pescadores estavam certos de que os seus filhos, o seu arrimo na velhice, o braço a que se encostavam para receber a *parte* quando já decrepitos, nunca lhes faltariam do seu lado.

Por isso a classe piscatoria cresceu muito. Muitos mercanteis inscreviam-se no livro da matricula, como pescadores, trabalhavam durante o tempo da *safra*, e, depois d'esta terminar, iam vender a sardinha, ordinariamente para o Douro.

Pagava-se então gostosamente o tributo, quasi sempre feito por avanças, porque havia a isenção d'um maior.

Hoje não ha isenção alguma; hoje o pescador sobrecarregado mais do que ninguém, porquanto paga um imposto unico, alem dos

até á baiuca, que n'esse momento regorgitava de freguezes.

Todos sabem como são estas baiucas. O tecto negro, ordinariamente sem forro, deixando ver traves carunchosas, enfileiradas umas atraz d'outras; paredes sujas, ensebadas de largas nodoas de cores differentes; tres ou quatro bancos de pinho fazendo frente a duas compridas mezas que correm parallelamente ás paredes, onde bojudos copos de vinho servem de centro aos freguezes: o pavimento revendo humidade: o ambiente pesado, cheio de fumo: e ao fundo o sujo balcão servindo d'anteparo a bojudas pipas—tal era o local para onde o João se dirigira a fim de *molhar a palavra*.

A sociedade que alli se misturava, fazendo grita, questionando á força de pulmões, não podia ser melhor nem mais conhecida do nosso protagonista. Havia de tudo, desde o fadista mais afiabrado, até ao catraeiro mais obscuro, tudo alli parecia viver bem

impostos indirectos. A elasticidade do imposto fere-o a elle tanto como a qualquer outro, porque é consumidor.

As *safras* más, como as d'este anno, devem ficar bem assignaladas na nossa villa. Os pescadores atravessando uma epocha difficilima, sem pão para comer, com os parcos objectos do seu uso empenhados, terão amanhã de pagar quasi uma quinta parte do que ganharem. No dia em que se realizar a partilha, elles deverão levantar as mãos para o ceu e agradecer com as lagrimas nos olhos ao ministro *bemfazejo*, seu irmão pelo trabalho, que os esfolia arrojadamente, enquanto deixa viver á vontade os roubadores das alfandegas.

Humildes e de cabeça baixa devemos soffrir todas as imposições d'uma politica de baiuca sem não protestarmos contra as extorsões vis com que nos exploram? Para nós o negocio, é inadivavel: tractamos esta questão fóra do campo onde se jogam apenas os interesses de meia duzia; para nós, os habitantes de Ovar, a sua resolução favoravel deve ser o unico fim a que devemos mirar.

Já mais do que uma vez o dissemos—da abolição do imposto de pescado depende o futuro da nossa terra, o seu progresso e desenvolvimento.

Portanto é urgente que nos unamos todos. Não nos importem as dissidencias politicas. Ellas todas devem acabar no momento em que haja, como ha, um fim de utilidade para todos que é preciso conseguir por quaesquer meios. A politica não deve servir d'estorvo. Se ella assim é comprehendida, se ella apenas se faz para meia duzia especular e outra meia duzia exercer vinganças pessoaes, então que ninguém lhe preste o seu apoio, porque é vil, porque é infinitamente miseravel.

Temos um governo que nos aggravou, que nos offendeu, pois bem, ou elle retira a lei que ope-

n'aquelle ar mephitico que se podia talhar á faca.

—Viva lá rapazes—saudou o João.

—Anda para cá, João, temos aqui do bom, do de Torres—disse um dos bebedores que estava logo á entrada.

—Com seiscentos, lá por fóra faz um frio de rachar. Aqui ao menos está-se bem. Quem pechinhou foi o meu primo, o Ze Manel, que anda hoje na pandiga lá por Lisboa, enquanto eu estou por aqui a bater o queixo—tornou o João.

—Bebe, homem, senão fosse a pinga nós esticavamos n'algun dia de frio.

O João entornou o resto do vinho que estava no copo, e soltou um ah! enorme prolongado. Sentia-se alli bem, bebendo em companhia dos seus amigos, emquanto a nos mesmos iam salpicando a estrada e o vento desdobrando-se agora com furia guinchava escantilhando-se na esquina.

Roberto de Liz.

FOLHETIM

HISTORIA D'UM RICO

IV

D'ahi por deante começou a conversa vulgar de dous individuos que aborecidamente tratam de passar o tempo o melhor que podem.

O bote singrava rijamente as aguas pardacentas, ajudado pelo vento forte que lhe enfunava a vela e de vez em quando um aguaceiro salpicava, abrindo phosforecencias, pontos esfuzizantes na larga massa plana que se perdia na escuridão.

Devemos estar perto—disse o viajante.

Estamos ja perto, d'aqui por tres minutos chegamos ao caes onde o tenho de deixar—respondeu o João.

—E' verdade, talvez tenha de mandar dentro em oito dias uns

fretes de bastante importancia para bordo d'um navio inglez: você quer-se encarregar de os fazer?

—Pois não meu amo, se se quizer utilizar dos meus fracos prestimos estou ao seu dispor. Se o carregamento não se poder fazer no bote, eu arranjo uma fragata d'um parente meu e onde trabalhamos tambem de sociedade e a coisa faz-se-lhe por pouca despeza.

—Pode ser, espere então que eu mandarei avisar. Parece um que posso depositar inteira confiança em si, porque afinal de contas se vou entregar os meus negosios ao primeiro catraeiro que apparece, corro o risco de ser roubado.

Nunca vi pouca vergonha assim. Ha dous dias fiz um carregamento de vinho e duas pipas ficaram com o vinho estragado porque aquelles senhores se lembraram de as abrir e metter-lhe agua.

—Commigo pode estar certo de que não succede isso. De que é o carregamento?

—A maior parte é de saccaria e o resto são volumes diversos. Para saber se deve ou não contar com o frete dirija-se a uma casa da rua dos Fanqueiros e n.º... pergunte se o José G. deu para si alguma resposta.

—Sim senhor, eu lá vou deá pois d'amanhã, porque V. S.ª je lhe deve ter escripto.

Mal o dialogo tinha acabado - o bote atracava ao caes do desembarque. José G. tal era o nome do desconhecido, perguntou quanto devia. O preço da *corrida* eram 1:000 reis. Pagou, saltou fora e d'ahi por pouco desaparecia na escuridão envolto na comprida manta alentejana.

Ora graças a Deus que se apuraram duas *placas*! Mas o peor é ter de ficar aqui até pela manhã, porque a maré agora não é boa e o vento não está de feição. Diabo, parece que ainda vejo uma taberna aberta, deixa-me ir beber um *meio*—e assim monologando o João amarrou solidamente o bote a uma argola de ferro e lá se foi

rou esse agravo injusto e absurdo, ou nós lhe faremos guerra.

E' o dilema que temos a seguir e que lhe temos a expôr. E' assim que se comprehende a politica quando ella visa ao interesse da terra onde se faz, ao interesse dos eleitores.

Basta de exploração — seja este o nosso grito. E basta de indiferença — diremos nós ao povo.

Quando ao nosso espirito apparece a convicção de que a causa que defendemos é justa e santa devemos envidar todos os esforços para que ella triumphe, para que se consiga o fim almejado.

Lembre-mos d'uma cousa — é que n'esta guerra que vamos emprender contra o imposto do pescado, embora vencidos, nunca haverá motivo para ficarmos envergonhados, nunca. Pugnaremos até que as nossas forças se esgotem em prol da causa, que defendemos, mas ao menos não deixaremos passar sem um protesto activo, a exploração que nos fere.

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

E' um facto que a Estrumada se deteriora a olhos vistos. Os pinheiros ja velhos, como pondera o sr. Fernandes Ribeiro da Costa, vão apodrecendo sensivelmente de mais em mais, e além d'isso os roubos de lenha são em tal quantidade que dentro em pouco corremos o risco de ver desaparecer a nossa riqueza.

E' impossivel hoje por cobro aos roubadores de lenha porque desapareceu o respeito e consideração que se devem ás autoridades constituídas quer ellas sejam representantes da camara municipal, quer d'administração do concelho, quer ainda do poder judicial. A anarchia lavra bem fundo para que não produza todos os resultados funestos. A politica pequena e mesquinha, dentro em dous annos, deu este resultado tristissimo!

Portanto o roubo, a que agora em face das circumstancias actuaes é impossivel oppormo-nos, deve ser considerado como um facto importante na resolução d'este problema.

Ricamente dotados pela natureza com um largo patrimonio semelhante aos fidalgos antigos, que abandonavam a administração das suas extensas propriedades para gosarem á franca o dinheiro que pediam emprestado pagando juros. Com uma differença apenas e é que nós em vez de recorrer-mos ao emprestimo, recorremos ao imposto.

A Estrumada o nosso thesouro em vez de nos dar lucro, dá-nos uma perda sensivel. Todos os annos somos obrigados a fazer despeza com 4 guardas para vigiarem, que nos não roubem, e essa despeza, além de ser inutil porque os roubos se succedem constantemente, é importante.

A receita que de lá tiramos é insignificatissima e incerta, porque, segundo cremos, só se fazem vendas, quando o temporal derriros pinheiros velhos a podres.

Portanto, somos ricos, mas sem nada nos aproveitar essa riqueza. Portanto somos incapazes de nos administrarmos com sciencia e consciencia.

Haverá talvez razões plausiveis e que não chegem ao nosso

conhecimento, para os administradores municipaes julgarem preferivel o systema, que adoptaram, por isso mesmo que se insurgiram contra uma proposta relativamente boa a ponto de, sem discussão para a rejeitarem *in limine*; é possivel, mas nós por mais que cogitassemos sobre ellas, ainda não as descobrimos.

Allegou-se por muito tempo que a venda parcial e annual da Estrumada se não deveria fazer attendendo ao grande numero de pescadores que vivem em Ovar, e d'ella tiram o seu parco sustento durante o hyverno.

Não achamos que esta razão proceda. Primeiro: porque ficaria todos os annos grande porção de matta onde elles poderiam fazer a colheita de lenha; segundo, tinham já uma compensação nas novas e importantissimas mattas que ficam para o norte e poente de Carregal; terceiro, é pequenissima a colonia piscatoria que hoje, durante o inverno, fica em Ovar, porque a maior parte emigra; quarto; não são os pescadores, os pobres, que mais se aproveitam d'ella, mas sim os ricos lavradores que vivem em mais intimidade com os guardas.

Portanto bastariam as 39 restantes partes da Estrumada, juntas ás mattas novas, para d'ellas tirarem a lenha precisa, dada a hypotese da divisão em 40 partes eguaes, como se dizia na proposta do sr. Fernandes Ribeiro da Costa.

Comprehendemos bem o receio que assalta os membros da camara ao discutirem este assumpto; e por isso mesmo, nós já dissemos que se todos estão convencidos da urgencia de se por em pratica uma medida de tal importancia, só resta esperar o momento opportuno, para que ella não levante resistencia no povo e principalmente na classe piscatoria.

Esse momento virá logo depois que se realizem as eleições, quando os espiritos pacificarem voltando ao estado de quietação natural. Agora, na effervescencia politica, o dizer-se que a camara tinha em vista fazer a venda das mattas seria uma mina inexgotavel para explorar com phases bombasticas, onde o povo, que poucos conhecem fóra da lucta eleitoral, appareceria a figurar em qualquer periodo. Era bom para que a rethorica apparecesse a figurar. Era bom para que a rethorica apparecesse a especular com a boa fé publica, e nós ficassemos por mais alguns annos acorrentados ás... *conveniencias politicas* de meia duzia.

LETRAS E LERIAS

RISCOS

Grandes *char-à-bancs* esperavam o primeiro signal. O grupo ia-se tornando cada vez maior. Como outr'ora quando guerreiros destemidas iam demandar plagas distantes, este exercito preparava-se para a luta, cheio de animo, empunhando grossos bordões. De-

mandariam climas distantes, alguma freguezia embrenhada em densos pinheiraes?

Ninguem o sabia. Cavallos impacientes raspavam a rija calçada. Deram finalmente o signal da partida. Dous foguetes de tres postostas, annunciaram ás gentes boquiabertas que ia principiar o destroço infando e os votos iam um a um ser mettidos na sacola, ou ser palmada uma freguezia ao som de milhares de vivas. Horror! horror! quem tal o havia de dizer.

Entraram todos n'aquelles dous mundos sorvedores d'um grupo inteiro; e as pitas dos chicotes bateram rijamente nos cavallos. A turba rebentou toda n'um grito ufultante, desesperado, pedindo a cabeça d'elle, do algoz de tanto soffrer, de tanto vinho disperso.

Partiram todos á conquista do vello d'ouro, dos votos difficeis. Nem um havia de escapar. Quando mais não fosse havia a receita do tiro, muito embora cahissem trinta e dois pardaes que chilreassem por sobre os beiraes de telhado da camara. D'ahi por pouco aquelle *montão* de gente atacava á *valentona* os casebres pobres d'um povileu meio selvagem, temeroso por descargas antigas.

Infandum renovare dolorem! Equamente infelises!...

Mulheres sujas de pisarem ha pouco o estrume do quinteiro, acudiam ao tanquetear das portas, e, pasmadas, cheias de terror respondiam a medo; está para o pasto meu senhor! se quizer espere um pouco.

Não esperavam, iam, saltavam, mas não salteavam porque... estava para o pasto.

E no entretanto por entre as estevas já maduras, atravez de caminhos solitarios, pensavam no povo selvagem que fugia d'elles. E ia para o pasto.

Oh! o pasto e os cabritas que bello preparado devia ser!...

Por força! Por força! e não dizia mais nada. Eu quero! eu prometti! e o echo ao longe, delirando, respondia: oh! sim elle prometteu a força, elle pol-a á disposição dos collegas na *oraculice*.

Que pena! diziam a meia voz os circumstantes.

Por força! por força! eu prometti! E uns pardaes em numero de 32 que chilreavam em cima d'um pinheiro, ficaram pasmados e cahiram logo 14 do primeiro...

As aguas murmuravam, o vento zumbia na frança dos pinheiros, a azenha gargalhava estouvadamente lá abaixo no sitio em que o *sobreiro* symbolo da justiça, procurava atravessar a lama nauseabunda d'uma consciencia corrupta, desgraçadamente afogada em cabritos molhados em vinho, e no entanto a voz rouquejante sobrepujava a tudo: *por força! por força!* eu prometti!

A alfandega, alem, muito para alem, pobresinha de carregadores, estendia os seus longos braços, soluçando, pedindo aquella *força* que se extravasava n'uns promettimentos impossiveis, e se demittia alli, ao pé d'arenha que rodopiava gargalhando.

Nada conseguiu. Aquella *força* que estava pedindo alfandega nevava-se ao trabalho, e á noute, a horas mortas, batia as portas implorando o sustentaculo, o poleiro allegando que tinha promettido. Oh! elle tinha promettido, para o poleiro não voar; não fugir pelos infinitos fóra. E por isso mulheres sujas de pisarem o estrume

do quinteiro acudiam ao bater das portas, e, pasmadas, cheias de terror respondiam a medo: está para o pasto, meu senhor! E elle respondia — *por força*, hade ir *por força*, senão...

Entretanto, ao lado, um burro zurrava com mais *força* aiuda...

Ismael.

O secretario d'administração

IV

José da Silva Carrelhas respondeu ás insinuações do sr. dr. Coentro, como devia responder — que nas suas allegações feitas perante o conselho de districto, unico tribunal competente para julgar dos seus actos, se referira aos pontos incriminados que eram dignos de resposta.

Nós imparciaes n'este meio em que tudo se faz por *politica*, não negamos da justiça ao sr. dr. Coentro. S. ex.^a não soube bem o que fez; disseram-lhe que era de conveniencia para o partido accusar por esta forma um seu empregado, e o sr. dr. Coentro caminhou sem tropeçar na dignidade e brio que deve estar sempre na frente d'uma auctoridade por mais *afieçoada* que seja a qualquer grupo ou partido.

Conhecemos bem o sr. dr. Coentro, e julgamos que elle só pôr obsecção partidaria, ou por uma imposição unica, seria capaz de praticar um acto tão deshonoroso, tão indigno como o de caluniar José Carrelhas de quem ha pouco tempo era amigo e amigo intimo.

Infelizmente hoje a *politica* como aqui em Ovar se entende é capaz de perverter os caracteres mais levantados, mais briosos. Não acreditamos que haja um individuo só que nas suas relações particulares fosse capaz de se conduzir do modo como o sr. dr. Coentro se conduziu, sem logo ser expulso da sociedade em que vivesse.

O sr. administrador substituto achou tanta razão para accusar José Carrelhas, como para alucinar o sr. Alla de *muito afieçoado ao partido progressista* e portanto seu correligionario politico. Precisamente a mesma cousa.

Ora o sr. dr. Coentro ha-de concordar com-nosco n'uma cousa e é que seria muito melhor para si e para o partido demittir pura e simplesmente José Carrelhas, porque assim ao menos não levantaria estorvo a este cavalheiro, nem tão pouco ficaria infamado com as accusações que agora lhe são dirigidas, muito embora falsamente.

E por outro lado o partido lucraria mais porque não o sobre-carregaria essa nota triste, vergonhosa mesmo, que agora alcançou com esta vingança onde os seus chefes se envolvem todos, não ficando como no mais «por detraz da cortina».

Vamos, sr. dr. Coentro, a isso, arranje uma demissão prompta ao seu secretario, mesmo porque d'outro modo não consegue que os seus actuaes empregados recebam o ordenado a que teem direito pelo seu trabalho.

O sr. Frederico Camarina Abragão não recebeu ordenado, não o recebeu o official (cremos que o sr. Manoel Gomes Laran-

jeira, amanuense, recebe) portanto é conveniente acabar por uma vez com tergiversações que prejudicam uns e outros.

Novidades

A commissão encarregada de formar a escriptura da sociedade dos mancebos recrutados, acha-se constituída com os cavalheiros abaixo mencionados. Avisam-se por este meio todos os interessados.

Ovar, 5 de Outubro de 1886.

Bernardo Maria André d'Oliveira
José Fragateirã de Pinho Branco
Manoel José Ferreira Coelho
Manoel Rodrigues Abbade
Manoel José de Pinho.

Homicidio frustrado. O processo perante o poder judicial — Passou a gosar a licença que lhe foi concedida o sr. delegado da comarca. Passou a exercer as suas funcções o sr. dr. Christovam Coelho, um bondoso rapaz animado decerto das intenções mais justas, mas que tem o gravissimo defeito para exercer este cargo de estar quasi ás ordens dos dous administradores do concelho. E' portanto de suspeitar que s. ex.^a não tenha a isenção precisa para em assumptos de tanta importancia, como este é, proceder como lhe aconselha a sua consciencia recta.

Vimos como na administração do concelho se quiz forjar um processo para salvar os criminosos eximindo-os das responsabilidades, vimos isso, e agora é de prever que esses mesmos administradores, feitos de encommenda para este concelho, queiram obrigar o sr. dr. Christovam a proseguir na senda que elles trilham para que os seus actos tenham a sanção precisa.

O sr. dr. Ignacio fugiu da comarca quando todos queriam ver como elle procedia nos numerosissimos processos crimes que tentou abafar. Esperavamos esta occasião para o apreciarmos devidamente e lhe pedirmos contas strictas d'aquelles celebres amnistias tão prodigalizadas por ahí a mãos rotas: esperamos vel-o entrar francamente e sem rebuços ou no caminho da justiça ou no da traficancia judicial. Fugiu, e forçoso dizermos que elle fugiu, porque não pode aguentar as imposições dos criminosos que esperavam n'elle o seu redemptor, chegando a afirmar que os processos não proseguiriam; fugiu para que o publico esquecesse os seus actos praticados enquanto o digno juiz d'esta comarca esteve no goso da sua licença.

Suspeitamos que este processo não terá andamento, como suspeitamos tambem que o sr. dr. Ignacio não voltará a esta terra onde deixa um nome... politico.

Que os ventos o levem para terra onde faça pouca perca.

Chegada — Chegou o ex.^{mo} sr. dr. Christovam Pinto Brochado, digno juiz d'esta comarca e

que até agora se achava ausente em gozo de licença. Tomou posse da sua vara na semana passada.

Roubo—De domingo para segunda-feira foi vítima d'um roubo o nosso amigo Gonçalo Maria de Resende, com loja d'alfaiate na rua dos Ferradores d'Arruela. Os larpaios arrombaram a porta do quintal que era muito mal segura e entraram na sala do trabalho. O nosso amigo tinha n'uma caixita de pau, collocada em cima d'uma meza um pouco de dinheiro fructo das suas poucas economias. Os larpaios contentaram-se apenas em levar a caixa e o dinheiro que continha sem se importarem com as muitas fazendas que então estavam na loja.

Mostraram assim que não são totos de todo, porque as fazendas poderiam servir de indício e dar assim a conhecer o autor ou autores do roubo.

Segundo cremos, ainda se não procedeu a investigação.

Os tiros em scena—Rara é a noute em que se não ouça um constante bombardeamento! As autoridades administrativas parece que ensurdeceram a ponto de não ouvirem por ahí os *afieçados* ameaçarem as pessoas de bem, e dispararem constantemente tiros... *aos pardaes*.

Porque esses senhores *afieçados* lembraram-se agora de matar a revolver e de noute todos... *os pardaes*!

N'uma das noites passadas ao entrar em casa o nosso ex.^{mo} amigo dr. Antonio dos Santos Sobreiras ouviu muito proximo de si um tiro de revolver, não se podendo saber até hoje quem o deu, nem ainda o motivo porque.

E' certo que os homens *dos pardaes* arrelhiados por não os deixarem entrar n'uma casa em que havia esfolhada e que fica proximo á casa do nosso amigo, estiveram entretidos até altas horas da noute a dar tiros... *aos pardaes*.

Os... políticos—Na noute desabado para domingo, quando retirava para sua casa o sr. dr. João Silveira, velho e respeitavel facultativo, um... *politico* arruçou-o a ponto do sr. dr. Silveira ter de ir bater á porta do sr. Agostinho de Mattos, pedir-lhe um páu para sua defeza. Depois d'isto o *politico* houve por bem calar-se.

—No theatro ovarense, domingo, os... *politicos* tambem fizeram das suas. Fizeram tal arruçã que muitos espectadores tiveram de fugir da sala.

O sr. Placido d'Oliveira Ramos, que exercia o cargo de regedor não pode fazer conter os arruçeiros apesar dos muitos esforços que empregou. Faz mal em cançar-se, é melhor deixal-os á vontade, porque no fim de contas se cumprir com a lei ainda tem no fim de soffrer alguns desgostos.

Esses... *politicos* não se prendem, porque demais a mais elles, com grande gaudio das autoridades, atiram... *aos pardaes*.

Desastre—Foi vítima d'um desastre um filhinho do sr. Manoel Gomes Rico. A creança brincava na estrada quando passava um carro de bois sem que o dono o acompanhasse.

O carro passou por sobre a creança deixando-a em miseravel estado a ponto que falleceu na quarta-feira.

Escusado será dizermos que as autoridades administrativas não fizeram caso algum d'este facto e deixaram o carreteiro á vontade.

Theatro—A *troupe* lisboense que entre nós tem estado deu na semana passada dous espectáculos—um no theatro d'esta villa e outro na casa d'Assembleia do Furadouro.

Este ultimo espectáculo constava a comedia em 3 actos — *O Tio Padre* — e dos *Amores do Sachrista*, comedia em 1 acto. O actor Freire recitou bem a poesia *Emquanto o pano não sobe*. Os actores foram muito applaudidos.

Não que emfim são precisos votos e elles vão faltando.

Chamamos a attenção do digno juiz de direito d'esta comarca.

E' necessario que isto não fique no esquecimento, porque senão d'aqui a pouco estamos em piz selvagem.

«Maria Rita» — Recebemos os n.^{os} 63 e 64 do importante e chistoso jornal portuense — *Maria Rita*. No n.^o 63 traz na primeira pagina o retracto do finado José Francisco Arroyo e na pagina central um magnifico desenho — *Napoleão no exilo*. (O n.^o 64, pagina central — *Cumprimentos camararios* referindo-se á comissão portuense que foi cumprimentar sua magestade após o seu regresso.

Furadouro—Não tem havido trabalho da pesca por o mar ser bastante ruim. Vento rijo a que os pescadores chamam *travessia* faz levantar grossas ondas. Se a *safrá* assim continua esses pobres arriscam-se a morrer de fome.

Abençoado imposto!... **Obras na Igreja** — A junta de parochia d'esta freguezia poz em arrematação as obras da igreja.

Depois de tanto tempo em que o nosso templo tem estado ao abandono vae finalmente receber as bemfeitorias necessarias. Das obras que se poseram em arrematação daremos mais detida noticia no proximo numero.

Doença — Têm-se achado gravemente enfermos os nossos amigos p.^o Bernardino Pereira Rebello e p.^o Manoel de Sá Pereira. Felizmente agora estão em via de restabelecimento o que muito estimamos.

Nascimento — Domingo á noute, a esposa do nosso antigo dr. Sobreira deu á luz uma robusta creança.

Mais uma filhita veio alegrar o casal do nosso bom amigo.

Parabens aos paes e um largo e brilhante futuro á recém-nascida.



LISBOA

Lisboa, 8 de Outubro de 1886

Faltei com a minha carta no numero passado. Peço desculpa ao director do jornal e dou os parabens aos leitores.

Ao primeiro, por o ter obrigado com a minha falta a arranjar mais algum *original*—a estes por se terem librado da minha sensaboroná prosa. A este respeito ainda tenho mais a dizer que, com a minha falta preguei uma pirraça aos typographos, por que lhes não dei occasião a mais uma vez exercerem contra mim uma vingança não sei de que culpas: tenham paciencia, mas no numero passado não lhes formei o corpo para a bordoadá tremenda com que costumam receber-me. Pois não sei porque, visto que sou muito dedi-

cado aos typographos em geral, e aos que me... poupam, em especial.

Politica mórna. O que tem valido aos jornaes tem sido os *annos* e desembarques, senão, não tinham assumpto para uma pagina sequer. Ultimamente appareceu um assumpto promettedor e interessante (*interessante* é modo de dizer) que foi apanhado com ancia. E' o caso da descuberta d'uma sucia de crimes praticados por alguma parteira de Lisboa. Parece que se provam mortes e *desarranjos* de toda a natureza. Fizeram-se muitas prisões e entre as pessoas presas consta acharem-se algumas senhoras muito conhecidas em Lisboa. Veremos o que sae de tudo isto.

Foi, com as solemnidades do estylo, lançada á agua a canhoneira *Zambeze*. E' um barco portuguez, o mais portuguez que modernamente tem visto o Tejo, pelo que diz respeito á marinha de guerra. Mas... lá vae receber o armamento—peças compradas no estrangeiro. E' triste mas é inevitavel, ao que vemos.

Ainda assim devemos notar a boa tendencia — já se fabricou no arsenal da marinha uma canhoneira, e já se encommendaram a uma fabrica do Porto uns milhares de barrelinhas. De vagar se vae ao longe e... bem tolo é quem se mata, diz o ditado.

Viajou o rei de Portugal, fazendo visitas, viaja o presidente de ministros em França, fazendo visitas e discursos, viajam os grandes vultos, pelo que viajou o sr. ministro das obras publicas, fazendo visita e discursos e viajou o sr. D. Francisco de Castro Mattoso, fazendo discursos e visitas. S. Ex.^a actual juiz da relação de Lisboa, com licença, proximamente auditor junto do ministerio da guerra, sem licença, passeiou até Alberga-ria-Velha, onde foi recebido com todas as galhardias e, não sei bem se debaixo do palio. Se não leve esta serimonia, foi uma grande falta, pois que o triumphador, o heroe tem sempre como apanagio essa cobertura. Dava-se o caso de, quasi na mesma occasião, o sr. ministro das obras publicas visitar nas Caldas da Rainha a fabrica dos Bortallos, uma industria portugueza a levantar-se pelo esforço de portuguezes de lei, e em Valle-maior o sr. Francisco de Castro, deitar discurso animador e congratulário na fabrica do sr. Bourne-ley, que os jornaes de Lisboa julgavam no caso de ser conduzido á fronteira, por, decôro nacional.

Mas isso é que nada tem com eleições, e aquella fabrica tem *votos*. Adiante.

Os regeneradores procuraram, mais nmá vez, indispôr o sr. Visconde de S. Januario com o resto do ministerio. Agora é por causa dos officaes nomeados ou escolhidos para a guarda fiscal. Creio que não fazem nada, mas emfim, sempre é bom attender-se ao ditado popular... bate a agua na pedra dura... Mas... mau officio este do sr. Pinheiro Chagas — *meche-riqueiro*.

Deixem-me dizer agora duas cousas a respeito da politica progressista d'Ovar. Se, ao fazer politica em qualquer parte, tivesse a

infelicidade de criar as deciden- cias que se dão ahí, eu, ou as ven- eia harmonisando tudo, ou deixava o campo onde não servia se não de elemento dissolvente.

Infeliz terra e infeliz partido, quando entregue a taes mãos.

Fazem consistir o seu merecimento n'umas intrigas, n'uns ditos picantes e irritantes, aparentando uns modos saraficos. Fazem *suppor* que não sabem que não *conheciam*—mastodos se convencem de que elles instigam e se não *aconcelham* fazem nascer as ideias más de que depois aparentam lavar as mãos.

Ainda outra cousa. Acho alguma graça a este caso de uns sujeitos que andam por todos os partidos e por que foram admitidos ultimamente no progressista já se consideram com direito de maltratar ou por de parte os que sustentaram e seguiram, atravez de tudo, sempre o mesmo partido. A culpa não é d'elles, é dos chefes que dão logar a essas desconsiderações. Esperem por a volta. Deixem chegar as *vaccas magras* e depois veremos.

E... mais nada por hoje.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Suplemento ao Codigo

COM O

Decreto complementar ao Codigo Administrativo, reorganizando o Supremo Tribunal Administrativo, e a Reforma de Instrucção Secundaria.—Decreto sobre a Organisação dos serviços da fazenda Publica nos districtos e concelhos do reino.—Decreto regulando o direito d'aposentação, e Rectificações ao Codigo e Relatorios do Governo. Tudo n'um volume, 200 reis, pelo correio, 250. E' com a Reforma Judiciaria apenas 250 reis—pelo correio, 300 reis, em volume tambem.

Avenda em todas as livrarias do Porto.

A nova edição do Codigo 200 reis; pelo correio 210; pelo seguro 250 reis. A Nova Reforma Judicial e Reforma de instrucção 120 reis—pelo correio 150 reis em separado.

OBRAS ELEMENTARES

COORDENADAS POR

J. S. DE FIGUEIREDO E CASTRO

Elementos de grammatica portugueza, 3.^a edição, 200 rs.

Noções elementares de arithmetica e systema metrico decimal, 5.^a edição, acrescentada com uma collecção de perto de 200 problemas.... 60 rs.

Faz-se abatimento nos pedidos de mais de 5 exemplares, feitos ao editor

ANTONIO DE FREITAS SUGENA

AGUEDA

Faz-se abatimento nos pedidos de mais de 5 exemplares, feitos ao editor

FABULAS DE LAFONTAINE

Illustradas por Gustavo Doré COM CERCA DE 600 GRAVURAS (84 composições de pagina inteira, 247 gravuras grandes e 220 vinhetas)

VIAGENS MARAVILHOSAS

AOS Mundos conhecidos e desconhecidos Grande edição popular de obras de

JULIO VERNE

Cada volume broxado... 200 rs. encadernado... em percalina... 300 »

Os Dramas Modernos

INTERESSANTISSIMO ROMANCE

DE EMILE RICHEBOURG

Primeira parte—MIONNE.

Segunda » —OS MILHÕES DE MR. ORAMIE.

Brinde á sorte de Inscriptções

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

Rua d'Alataya

LISBOA

Recebem-se pedidos acompanhados da sua importancia na Administração do «Povo d'Ovar»

ANNUNCIOS JUDICIAES

Annuncio

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar, escrivão Sobreira, correm edito de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando todos os interessados incertos para na segunda audiencia posterior ao praso dos editos verem accusar a citação e fallarem aos termos de uma acção de «justificação de mera posse» requerida por Manoel d'Oliveira Gomes e mulher Rosa de Oliveira Duarte, da rua das Figueiras, d'esta Villa, mas accidentalmente residente na Villa do Barreiro, em cuja acção allegam que estão, ha 5 e mais annos, na posse publica, continua e pacifica, fazendo bemfeitorias e cultivando-o, d'um quintal de terra lavradia, parte de poço e mais pertences, sito na travessa da Fonte d'esta Villa, denominada a villa de Olão, a confluar do norte com Manoel José Pacheco, sul com Maria Bexiga, nascente com a villa e poente com João Rodrigues Conde e outro; e que n'estes termos se devia julgar procedente e provada a acção e justificada a mera posse por mais de 5 annos no referido quintal, para todos os effectos juridicos.

As audiencias n'este juizo fazem-se em todas as segundas e quintas-feiras de cada semana por 10 horas da manhã no tribunal judicial, sito na Praça d'Ovar, ou nos dias immediatos sendo aquelles santificados.

Ovar, 31 de Agosto de 1886.

Verifiquei Quadros.

O Escrivão Antonio dos Santos Sobreira.

(21) 1

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, como editor de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando Maria Joaquina d'Oliveira e marido Manuel Joaquim Vieira, do largo dos Campos, d'esta villa, mas ausentes no imperio do Brazil em parte incerta, para em dez dias, decorridos que sejam oito, depois de terminado aquelle praso dos editos, pagassem a José Maria Freire de Liz casado, da rua do Loureiro; d'esta villa, a quantia de 175\$580 reis, de capital, juros e custas contadas na acção que lhes movesse e porque lhes promove agora execução.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal sito na Praça, d'esta villa ou nos dias immediatos sendo aquelles santificados.

Ovar, 6 d'outubro de 1886.

Verifiquei a exactidão

Brochado.

O Escrivão

Eduardo Elyzio Ferraz d'Abreu.

(20)

1

ANNUNCIOS

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:340 pessoas e ainda não fallou.—Preço 1\$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, gottoso, articular, dores de cabeça, pontadas, contusões e amolecimento da espinha dorsal. Frouidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dor ou inflamação: usa-se externamente em fricções.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada Styracia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpese lepra, panno, sardas, etc., etc.—Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção, que, sem damno, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes.—Preço do frasco 1\$000 reis.

Crema das damas

Torna rapidamente a pelle cara e macia, dissipa as sardas, tez crestadas, nodoas, borbulhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cêgo, 13, á Praça das Flores—Lisboa.

10

Ao publico

Vendem-se 23 cadeiras antiquissimas, de pau preto e um campê. Tudo muito barato.

Basar de mobílias na rua da Praça em frente á redacção do «Ovarense».

CAETANO FARRAIA

À VENDA

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol. 200

Pelo correio. . . 220

LIVRARIA CHARDON

CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

12

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e innunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o exc.^{mo} sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.^o, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adjantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

LOJA DE CALÇADO

Todos conhecem o Francisco Rodrigues de Pinho com loja de calçado alli mesmo no Largo do Hospital.

Encarrega-se de fazer toda a obra da sua arte, como toda perfeição e por preços modicos, como é seu costume.

Desde a mais bem aperfeçoada chinella para mulher até ao sapatinho de polimento para homens tudo faz ao gosto do freguez.

Portanto é experimentar e verão como ficam satisfeitos!

10

PHARMACIA—SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approvedo pela escola medico-cirurgica do Porto.

11

PONTES

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer cor, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais razoaveis possiveis